

## **Novas confluências atlânticas nas artes e nas literaturas francófonas e brasileira**

### **New Atlantic confluences in French and Brazilian arts and literature**

**Véronique Bonnet  
Henrique Provinzano Amaral  
Thiago Mattos**

*“Nous avons rendez-vous où les océans se rencontrent...”*

Édouard Glissant, *Une nouvelle région du monde*

Hoje, ir ao encontro de uma nova região do mundo não equivale a buscar literalmente, como no tempo das Grandes Navegações e dos “descobrimentos”, o litoral de continentes desconhecidos, do que então se acreditava ser o Novo Mundo. Na configuração atual de nosso planeta, paradoxalmente mapeada em seus menores recantos mas sofrendo de uma distribuição radicalmente desigual de meios e de bens, os mecanismos de exploração e as formas variadas do imperialismo continuam espoliando os recursos de centenas de milhões de seres humanos e os privando de sua dignidade. Uma vez que as lógicas imperiais ainda têm todo seu peso, a novidade e a esperança de uma mudança vital só podem residir na ação d’“aqueles que estavam na face escondida da Terra” (Glissant apud Amaral, 2024, p. 198) e que, desde então, irrompem “no palco principal do mundo” <sup>1</sup> (Glissant, 1997, p. 542), modificando seus contornos. Desenham-se, pois, novas estéticas que convidam à “partilha do sensível” (Rancière, 2009 [2000]). Nesse contexto, compreendemos que a “razão cultural” (Sahlins, 1980 [1978]) se revela central, especialmente no caso do Brasil em que as culturas oriundas do “trato dos viventes” (Alencastro, 2000), e ligadas à história da escravidão, ocupam um lugar incontornável na construção e na renovação dos saberes. É preciso lembrar, nesse sentido, a atuação precursora de Abdias do Nascimento, que criou, em 1944, o Teatro Experimental do Negro. Em seguida, ele organizou o Primeiro Congresso do Negro Brasileiro (1950), durante o qual foi denunciada a discriminação racial contra as populações afro-brasileiras. No campo da etnologia, os trabalhos de Pierre Verger e Roger Bastide contribuíram para o desenvolvimento de histórias e de saberes ocultados durante muito tempo, tornando visíveis os “fluxos e refluxos” (Verger, 2021 [1968])

---

<sup>1</sup> « de ceux qui étaient sur la face cachée de la Terre et qui entrent, comme dirait Césaire, ‘sur la grande scène du monde’ ».

entre as Américas negras e a África. No campo da teoria literária, os escritos de Diva Damato, Zilá Bernd e Eurídice Figueiredo, entre outros, revelaram-se essenciais, especialmente na compreensão das literaturas caribenhas francófonas e sua recepção no Brasil.

Num plano estritamente político, a mobilização realizada pelas populações afrodescendentes contribuiu para uma maior inclusão das populações marginalizadas e para a expansão dos conhecimentos. Na esteira dela, foram tomadas medidas afirmativas: de um lado, a lei 10.639, promulgada em 2003, que torna obrigatório o ensino da história afro-brasileira e da história da África; de outro, a implementação no ensino superior, em 2012, de uma política de cotas baseada em critérios ligados à origem étnico-racial, combinados com fatores sociais e de percurso escolar. Embora não sejam algo totalmente adquirido e continuem a sofrer ameaças, tais avanços sociopolíticos provocaram uma mudança de paradigma. As culturas afrodiaspóricas suscitam, desde então, um interesse intelectual crescente na sociedade brasileira, mobilizando a atenção de um grande número de pesquisadoras e de pesquisadores, tanto dentro quanto fora do país.

Nessa perspectiva, compreendemos a importância da sugestão glissantiana (colocada em epígrafe) de um compromisso “onde os oceanos se encontram” e do interesse suscitado pelas histórias que, ligadas ao “Atlântico negro” (Gilroy, 2012 [1993]), fissuram as histórias oficiais, seja brasileira ou francesa. Em matéria de francofonia literária, autores caribenhos e africanos, em especial Senghor, Césaire, Depestre, Glissant, Monénembo e Alem, tendo visitado ou vivido no Brasil, contribuíram para “remendar a memória”<sup>2</sup> (Monénembo, 1995, p. 150). Trata-se, provavelmente, de um momento histórico decisivo: adotando uma perspectiva transatlântica e transnacional, a produção francófona pós-colonial encontra – e por vezes renova – um horizonte de expectativa brasileiro que dá mostras de sua hospitalidade (Diagne, 2022), reconhecendo nela convergências geográficas, históricas, antropológicas e culturais. De fato, assistimos no Brasil a uma intensa atividade de traduções, retraduções, produção de obras técnicas, de antologias, de prefácios, assim como prêmios e festivais literários, que celebram frequentemente os autores francófonos pós-coloniais. Além disso, os diálogos transatlânticos, tramados durante muito tempo por vozes masculinas pouco dispostas a sondar as questões relacionadas ao gênero, hoje entrelaçam vozes e

---

<sup>2</sup> “rafistoler la mémoire”.

pensamentos de mulheres – e, por que não, feministas. Conforme constata Cyril Vettorato, a partir dos anos 2000, “o movimento contemporâneo [afro-brasileiro]” multiplica colaborações e trocas concretas”<sup>3</sup> (VETTORATO, 2018). Se escritores e escritoras afrodescendentes são acolhidos na África ocidental e no Caribe, simetricamente, o Brasil literário oferece hospitalidade em dobro para os escritores francófonos. Em 2017, a Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP) ofereceu um amplo espaço aos escritores e escritoras negros, promovendo assim o encontro entre Scholastique Mukasonga e Conceição Evaristo. A experiência brasileira da escritora ruandesa, que retornou diversas vezes ao Brasil, parece determinante para seu engajamento em favor de uma negritude feminista. Ela manifesta seu vínculo com “uma francofonia literária africana cada vez mais afiliada aos imaginários e solidariedades transatlânticos e pós-coloniais”<sup>4</sup> (Boizette, 2020). Desse modo, os diálogos entre escritoras afro-brasileiras e escritoras caribenhas ou africanas jogam nova luz sobre as afinidades transatlânticas. Scholastique Mukasonga relata uma conversa que teve com Conceição Evaristo, em que esta última lhe explicou a degradação das condições de vida dos negros brasileiros durante o mandato de Jair Bolsonaro e o projeto assassino de branqueamento das favelas. A escritora ruandesa faz um voto à orixá Iemanjá: “que os brasileiros tirem das raízes africanas e indígenas americanas as forças para resistir à barbárie que ameaça seu tão lindo país”<sup>5</sup> (*Libération*, 6 de janeiro de 2019).

Na esteira das pesquisas dedicadas à produção de uma história literária transatlântica, este número da revista *Ipotesi* busca examinar as dinâmicas culturais criadas quando as literaturas e as artes da zona francófona, consideradas em toda a sua diversidade, encontram o “Brasil literário” (Bonnet, 2022). Na medida em que as dimensões luso-americana e luso-africana do Atlântico negro não gozam do mesmo entusiasmo crítico que a dimensão anglo-americana, o presente número busca contribuir para preencher essa lacuna. Nosso objetivo é, portanto, o de propor diferentes leituras desse outro Atlântico negro, oceano da separação que se tornou o lugar focal de uma memória afro-brasileira cujos meandros os escritores e artistas buscam seguir, engajando-se, como o escritor guineense Tierno Monénembo, em percorrer os rastros do passado inscritos na trama do presente.

---

<sup>3</sup> “le mouvement contemporain [afro-brésilien] multiplie collaborations et échanges concrets”

<sup>4</sup> “une francophonie littéraire africaine de plus en plus affiliée aux imaginaires et solidarités transatlantiques et postcoloniaux”.

<sup>5</sup> “que les Brésiliens puisent dans leurs racines africaines et amérindiennes les forces de résister à la barbarie qui menace leur si beau pays”.

O número começa com um artigo de Hannah Grayson, “*Tidalectic Memories of the Black Atlantic: Monénembo’s approaches to a past that is not past in Pelourinho and Les coqs cubains chantent à minuit*”. Por meio do estudo de dois romances, o primeiro ambientado no Brasil e o segundo em Cuba, a autora sonda a maneira como o escritor guineense se apropria do Atlântico para suscitar movimentos de memória e humanizar a história. O conceito de “*tidalectic*”, forjado pelo poeta Kamau Brathwaite, permite evocar sutilmente o modo como a poética monenembiana traz à mente o movimento cíclico do mar, constituído pelo vai-e-vem das marés que tecem uma relação entre a África e sua diáspora. Na ausência de referências estáveis, as ligações memorialísticas só podem ser exprimidas através dos fluxos e refluxos que, ao mesmo tempo, separam e unem as personagens, suas histórias e lugares. De fato, calcada no movimento contínuo do oceano, a escrita abala as práticas memorialísticas dominantes e suscita um novo imaginário transnacional que consiste, sobretudo, em ligar a África e a América do Sul sem passar pelo antigo centro histórico, a Europa. Hannah Grayson mostra como Monénembo coloca em primeiro plano o não visual e o não escrito, criando modos de percepção alternativos que privilegiam os sons, as vozes narrativas e a paisagem natural. Revela-se possível, então, uma outra história do conhecimento que entrelaça o passado e o presente, por vezes confundindo-os. A posição geográfica costeira das cidades de Salvador, essa África das Américas, e Havana permite uma fluidez memorialística que se enuncia por meio de práticas culturais populares – música e canções –, graças a uma composição narrativa tecida por diálogos polifônicos, por gritos e sussurros, trabalhando assim pela unificação dos povos dispersos pelo tráfico transatlântico. No entanto, como sublinha a autora, a violência do real que caracteriza as duas cidades quebra a ilusão festiva das culturas diaspóricas geralmente entendidas como um alegre caldeirão de mestiçagem. A principal característica das paisagens sonoras “tidalécticas” criadas por Monénembo consiste, então, em enfatizar os modos de cooperação cultural e de solidariedade transatlânticas oriundas da escravidão, sem esconder os nexos de sofrimento que, historicamente, unem a África e as Américas negras.

Em “Imaginários da mobilidade haitiana no Brasil: uma leitura do conto ‘Meu mar (Fé)’, de Itamar Vieira Júnior”, Vanessa Massoni da Rocha se interessa pelas representações do exílio de haitianos nas literaturas francófona e brasileira. Após lembrar as ambivalências da migração – ao mesmo tempo consubstancial ao ser humano, sinal de abertura para o mundo e marca de dor –, o artigo examina a inscrição

da mobilidade de haitianos em textos caribenhos publicados ao longo das últimas sete décadas. É sob um prisma pessimista que *Compère Général Soleil* (1955), de Jacques Stephen Alexis, *Ton beau capitaine* (1989), de Simone Schwarz-Bart, e *Fleur de Barbarie* (2005), de Gisèle Pineau, abordam essa questão por meio de personagens cujas vidas são marcadas pela precariedade, pelo defeito e pela falta. Esses últimos, com efeito, navegam entre duas impossibilidades: a de permanecer no Haiti e a de viver em plena cidadania no seio de sua nova sociedade. A originalidade desse artigo consiste em alargar o corpus na direção da literatura brasileira contemporânea. Mais recente no tempo, a relação Haiti-Brasil é marcada especialmente pela chegada de imigrantes haitianos no solo brasileiro, após o terremoto de janeiro de 2010. Ela possui uma forte carga política: de fato, se foram implementadas leis favoráveis ao acolhimento dos refugiados haitianos, nem por isso a sorte destes se revela menos precária. O conto “Meu mar (Fé)”, do escritor baiano Itamar Vieira Júnior, é abordado sob a égide do conceito de “amefricanidade”, palavra-valise forjada por Lélia Gonzalez (2020), reunindo assim a América Latina e a África. A narrativa conta o encontro amigável de duas mulheres negras exiladas no Brasil, cujos percursos apresentam similaridades que sublinham suas situações subalternas: uma delas, tendo deixado a África e chegado ilegalmente, perdeu seu marido na rude aventura; a outra deixou sua ilha após o terremoto para tentar se juntar a seu cônjuge no Brasil. É a senegalesa que se encarrega da narração de suas histórias, endereçando-se a seu marido desaparecido. Compartilhando dores e esperanças, as duas amigas tentam conceber uma nova vida que lhes permita se reconstruir. Conseguem tecer uma forte cumplicidade, apesar da barreira linguística que as separa. Apenas a haitiana tem um nome – Dominique –, e é ela quem dá um apelido a sua amiga, “Foi”, em francês no texto, o que lhe permite escapar da invisibilidade. A história tem forte dimensão simbólica e uma coloração de esperança messiânica. Essas mulheres são unidas pelo sentimento de “dororidade” (Piedade, 2017), resultante da dor da exclusão que elas devem enfrentar. Vanessa Massoni mostra como os diálogos denunciam a violência e o racismo da sociedade brasileira, desconstroem os mitos da mestiçagem, ecoando sutilmente as críticas que intelectuais de diversos matizes teóricos - entre outros, podemos citar Florestan Fernandes, Abdias do Nascimento, Lélia González, Kabengele Munanga, Clóvis Moura, Djamila Ribeiro e Lilia Schwarcz - formularam a respeito da contestável noção de “democracia racial” atribuída a Gilberto Freyre. Ao tratar da mobilidade haitiana no Brasil, e particularmente da presença

haitiana na região sul, o conto de Itamar Vieira Júnior ilumina, com uma luz humanista, feminista e transnacional essa realidade altamente sensível no seio da sociedade brasileira. O *happy end* nuança a tonalidade pessimista geralmente associada à experiência migratória, uma vez que, ao final de uma longa busca, Dominique consegue reencontrar seu marido. Assim, como precisa Vanessa Massoni: “Ao fim e ao cabo, a despeito de tudo e de todos, Dominique vence e sua vitória ilumina as trevas que podem se abater, de modo fugidivo ou contumaz, sobre a vida dos seres migratórios”.

Como e em que medida o Brasil se tornou, progressivamente, um país de acolhimento da literatura africana francófona? Essa é a questão abordada no artigo de Fernanda Murad Machado, intitulado “Tradução e difusão no Brasil da literatura africana francófona”, que adota ao mesmo tempo uma perspectiva cronológica, visando inventariar todas as traduções, e um ponto de vista teórico que permite identificar a construção das imagens e dos sentidos acrescentados às obras ao longo do tempo e medir as transformações decorrentes disso. A autora distingue três períodos principais: o primeiro abrange as décadas de 1950-1960, quando surgem as primeiras traduções; o segundo se estende dos anos 1970 até meados dos anos 1980; após um eclipse, a terceira fase começa no início do século XX e se prolonga até a atualidade. Dentre as primeiras publicações, chama a atenção uma coletânea de contos oriunda da tradição oral, muitos dos quais foram retirados de *L'Anthologie nègre* (Cendrars). O paratexto que acompanha essa obra visa introduzir o leitor brasileiro num universo cultural percebido como exótico. No limiar entre o primeiro e o segundo períodos, desenha-se um espaço poético-político resultante do encontro de Senghor com o Brasil, país em que o chefe de estado senegalês fez uma visita oficial em 1964, a que se seguiu a tradução da sua coletânea *Poemas* (1969) e de dois de seus ensaios teóricos: *Um caminho do Socialismo* (1965) e *Lusitanidade e Negritude* (1975). Fernanda Murad Machado observa que a segunda fase, caracterizada pela presença da ditadura militar, é marcada pela ascensão da problemática anticolonialista. Nesse contexto, o caráter engajado da literatura africana francófona encontra eco no seio do campo literário e editorial brasileiro: assiste-se, então, à tradução de numerosas obras, acompanhadas de um suporte didático, que posteriormente alcançarão o estatuto de clássicos. Mas foi realmente durante os dois primeiros mandatos do Presidente Lula (2003-2011), quando se intensificaram as relações diplomáticas, econômicas e culturais com os países africanos de língua portuguesa, que o aumento das traduções se tornou mais evidente e que se enraizou o

interesse que o Brasil possui pelo continente africano. Desde essa época, assistimos a uma reorganização dos projetos editoriais brasileiros e ao aparecimento de editoras que incentivam a tradução de obras africanas francófonas, sobretudo romances, reconhecidos pela sua qualidade estética e pela força de seus discursos, características às quais os leitores são sensíveis.

É nessa dinâmica favorável à tradução da literatura africana que a obra da escritora ruandesa Scholastique Mukasonga, recentemente traduzida para o português, tem sido ativamente recebida no Brasil. Em “Metamorfoses de uma mulher ruandesa em relatos de si: o percurso emancipatório de Scholastique Mukasonga”, Ângela Cristina Salgueiro Marques, Ângela Maria Salgueiro Marques e Frederico da Cruz Vieira de Souza se debruçam sobre o modo como a narrativa de si permite que uma sobrevivente, gravemente marcada pelo sofrimento e pela perda de entes queridos, reconstrua sua vida. Os autores consideram que quatro de suas narrativas – *Baratas* (2018 [2006]), *A mulher dos pés descalços* (2018 [2008]), *Nossa Senhora do Nilo* (2017 [2012]) e *Um belo diploma* (2020 [2018]) –, dedicadas ao genocídio de 1954 e às violências massivas de que foram vítimas os ruandeses tutsis no final dos anos 1950, constituem um ciclo testemunhal que ilustra o desejo de metamorfose através da escrita. O estudo se concentra em *Um belo diploma*: a história atormentada de uma mulher nascida em Ruanda, exilada no Burundi e que vive na França, que dedicou grande parte da sua vida para tentar obter um diploma em assistência social, convencida de que esse “papel mágico”, como dizia seu pai, a protegeria – e protegeria sua família – do racismo e do ódio. Os autores mostram que, trabalhando com o material da memória, a narrativa de si não consiste apenas numa questão de preservar uma memória – o dever de memória –, mas contribui para a elaboração progressiva de um sujeito autônomo que desafia as políticas da morte. Essa tarefa essencial se torna ainda mais árdua, em vista do fato de o sujeito ser uma mulher negra confrontada às opressões multifatoriais ligadas ao seu gênero, à sua origem, à sua classe social e intensificadas por sua condição de exilada em desacordo com as realidades político-ideológicas dos países em que reside. A análise de *Um belo diploma* se apoia em vários conceitos operacionais, incluindo os de “transclasse” e o conceito foucaultiano de “técnicas de si”, sendo que este último implica que o sujeito se esforce para problematizar aquilo que é, o que faz e o mundo onde vive, atuando assim sobre suas vulnerabilidades e seu próprio futuro. Desse modo, a escrita de si de Scholastique Mukasonga se afirma como uma prática emancipatória e um instrumento

político capazes de desconstruir as “técnicas de controle” (Foucault) que são os preconceitos e o racismo. Enquanto trabalho de elaboração ética, essa escrita também destaca os meios utilizados para tornar possíveis outras formas de existência e de relacionamento com os outros. Nesse contexto, se a autodeterminação e a autodefinição (Machado, 2020) desempenham um papel crucial na reconstrução do sujeito, não deixam de estar ligadas a um projeto coletivo que envolve a memória imperecível dos desaparecidos e a preocupação com os outros. A perspectiva interseccional adotada nesse artigo contribui, assim, para a revelação de um outro imaginário político.

Atravessando o Atlântico na outra direção, mas conservando uma perspectiva interseccional – especialmente no que diz respeito a gênero, classe e etnia –, o artigo “A edição francesa de *Ponciá Vicêncio* e o desafio de traduzir escrevivências”, de Maria Aparecida Silva Ribeiro, debruça-se sobre a tradução para o francês do romance de Conceição Evaristo, publicada em 2005 pela Anacaona Éditions, com tradução de Paula Anacaona e Patrick Louis. Na primeira parte do texto, a autora faz uma elucidativa retomada da constituição dos conceitos de “literatura negra” e “literatura afro-brasileira”, sobretudo a partir da produção dos *Cadernos negros* e da atuação do grupo *QuilombHoje*, iniciativas que resultaram em importantes antologias literárias, suporte em que os escritos de Conceição Evaristo foram inicialmente publicados. Nesse quadro crítico enriquecido por tal retomada teórica, a autora passa a analisar mais detidamente a tradução francesa de *Ponciá Vicêncio* para o francês, tendo como fio condutor a noção de “escrevivência”, forjada pela própria Conceição Evaristo como uma “síntese conceitual de sua prática literária” e que aponta para a construção e expressão de subjetividades marcadas por uma origem social, étnica e de gênero subalternizada. É justamente a partir da singularidade do desafio envolvido na tradução de escrevivências que a autora coteja passagens do romance de Evaristo com sua tradução para o francês, refletindo sobre “soluções formais e potenciais modos de recepção” decorrentes desta, os quais, não raro, constituem dados que “embora não comprometam a coerência do texto, deixam de fora algumas sutilezas de ordem semântica que colaboram para que a narrativa de Evaristo seja considerada, em muitos momentos, como prosa poética”. Muito embora reconheça a relevância da empreitada que consiste em traduzir e publicar autores brasileiros na França, especialmente da dita literatura periférica, o artigo dimensiona, com base na leitura cerrada de passagens do texto original e de sua tradução, alguns dos desafios de traduzir os textos de Conceição Evaristo e suas

“escrevivências”, sem, de algum modo, reduzir a complexidade das construções linguísticas e poéticas da autora. Em outras palavras, o texto aponta para a necessidade de respeitar a “Outridade” (hooks) em tradução, com vistas à constituição de uma recepção tradutória menos redutora – conclusão que se relaciona com o papel preponderante da literatura, já assinalado anteriormente, como um alicerce para a construção de um novo espaço comparativo transatlântico.

Se a literatura e a tradução podem desempenhar esse papel, a linguagem cinematográfica também contribui nessa direção, razão pela qual Camila Geovanna Alves da Silva e Guilherme de Almeida Gesso, em “Travessias estéticas das Áfricas francófona e brasileira: colonialismo e (anti)negritude em *Soleil, Ô* e *Compasso de espera*”, debruçam-se sobre um filme do diretor mauritano Med Hondo – o qual segue os passos de Sembène Ousmane – e um filme do diretor brasileiro Antunes Filho. Para identificar as diferenças e semelhanças que moldam a antinegritude, na França e no Brasil, os autores recorrem ao “comparatismo do pobre” (Melo). Com esse objetivo, são examinadas duas obras cinematográficas que, cada uma a seu modo, evidenciam o paradigma antinegro em contextos pós-coloniais. Enquanto *Soleil, Ô* (1967) ressoa e antecipa a emergência do movimento afropessimista, *Compasso de espera* (1973) mobiliza, por sua vez, duas problemáticas: as relações interracialis que um intelectual negro de classe média mantém com mulheres brancas, assim como aquelas, mais fugazes, que o ligam à sua própria comunidade. Nem a retórica igualitária da França republicana, nem os mitos da cordialidade brasileira e do pacto da “democracia racial” neutralizam a violência das manifestações do racismo contra o negro, que são consubstanciais à própria ideia que os brancos, em situação de dominação, têm de sua identidade. Para ambos os cineastas, trata-se de desconstruir as ilusões de conciliação racial, por meio de procedimentos cinematográficos que apresentam heróis confrontados com situações aporéticas de negação da humanidade, quaisquer que sejam os meios alienantes que utilizem para fazer valer o seu direito à igualdade. Enquanto o filme de Med Hondo termina com uma ruptura que abre para um horizonte de lutas anticoloniais, o filme de Antunes Filho busca mostrar, com precisão, uma situação nacional marcada pela antinegritude.

A consideração da linguagem cinematográfica também se faz presente no artigo “Feito uma aguardente que não sacia: opacidade e política em Chico Buarque”, de Maurício Ayer, que parte do filme *Dona Flor e seus dois maridos* (1976), de Bruno

Barreto, baseado no romance homônimo de Jorge Amado (1966), para questionar os sentidos poéticos e políticos da canção “O que será” (1976) – em suas três versões, “Abertura”, “À flor da pele” e “À flor da terra” – de Chico Buarque, que funciona como canção-tema do filme, irrompendo em diversos momentos deste. Não bastasse o cruzamento entre cinema, literatura e canção, esta última analisada sobretudo na dimensão de sua letra, o artigo mobiliza, de um lado, o arcabouço teórico elaborado por Édouard Glissant, especialmente por meio de suas noções de “opacidade” e “transparência” (Glissant, 1990), e de outro, uma investigação mais ampla do autor sobre os lugares e papéis simbólicos da cachaça na literatura brasileira. Com tal ambição crítica, o artigo apresenta uma análise detalhada de cada uma das três versões da composição de Chico Buarque, atentando sempre para os momentos em que surge durante o filme, mas também e especialmente para o modo como, a cada versão, a cada nova enunciação, ela recoloca a questão da opacidade: “em suas marcas formais, esta primeira versão já mostra algo que se repetirá nas outras duas: a questão da opacidade é direcionada pela pergunta-motivo que conduz a canção”. Num amplo e original movimento de leitura crítica, as noções glissantianas de opacidade e transparência são apresentadas sob o viés do processo de destilação que, estudado por saberes ancestrais como a alquimia, está na base do processo de produção da cachaça a partir da cana-de-açúcar. Em certo momento, o autor chega a se perguntar sobre o (des)interesse de Glissant pelo rum, bebida alcoólica caribenha aparentada da cachaça, e aponta, a partir da ideia de crioulização dos falares existentes nas plantações, que “a fermentação geral, pois, a coextensão de uma miríade de aromas e de sabores em sua impureza definidora, mais do que a extração de uma essência pela destilação, é o que interessa a Glissant como visão simbólica da Relação”. Ora, tal constatação possibilita o movimento interpretativo mais ambicioso do artigo, que consiste em enxergar, na multiplicidade e na diversidade do humano defendidas na canção buarquiana “O que será”, inclusive em sua imagem de “uma aguardente que não sacia”, uma representação da opacidade oposta a toda e qualquer imposição de pureza, característica do pensamento do Um – e do momento histórico ditatorial em que a canção de Chico Buarque foi composta e em que o filme de Bruno Barreto foi lançado.

Além desses artigos que compõem o dossiê temático “Uma nova região do mundo? As literaturas francófonas pós-coloniais e o Brasil”, este número da *Ipotesi* ainda apresenta numerosas outras contribuições, algumas delas relacionadas com o tema. É o

caso da resenha “Américas cruzadas: Sobre *Marginalité et communauté dans le roman. Maryse Condé, William Faulkner et Rachel de Queiroz*, de Julie Brugier (Classiques Garnier, 2024)”. Nela, Luciano Brito analisa o estudo recém-publicado de Brugier, atentando para as valiosas contribuições de sua ambiciosa empreitada comparatista que lê, sob a égide das noções complexas de “marginalidade” e de “comunidade”, três autores oriundos de espaços, línguas e tradições culturais distintos, mas também apontando para algumas questões e lacunas deixadas pelo texto. Nesse sentido, inscreve-se de maneira perspicaz a observação sobre o fato de que o Ceará, espaço privilegiado do romance de Rachel de Queiroz, contrariamente a outros estados do Nordeste brasileiro, não se baseou historicamente no modelo da plantação – precisão que “não invalida o argumento do livro de Brugier nem impede que o sigamos, mas suspende a assimilação rápida do universo queirosiano às formas de comunidade decorrentes da imagem de um Nordeste da *plantation*”, dimensão econômica e espacial que está na base da comparação com os romances de Faulkner e Condé.

Também se inscreve na temática do dossiê a tradução do importante artigo “Brasil e Antilhas: a literatura como arquivo da escravidão”, de Eurídice Figueiredo, primeiramente publicado no Quebec, em 2018, e agora traduzido para o português por Laura Barbosa Campos. Com a amplitude de referências que caracteriza seu pensamento – Figueiredo é, vale lembrar novamente, uma das pioneiras dos estudos antilhanos no Brasil –, a autora percorre diferentes momentos dos debates em torno das “construções identitárias que tentam dar conta da contribuição e/ou do status dos descendentes de africanos na formação das sociedades do Brasil e das Antilhas”. Enunciado no primeiro parágrafo do texto, esse propósito é realizado com rara capacidade de síntese, sem perder de vista – e aí está outra das contribuições do texto – aspectos do debate levado a cabo, além do Brasil e das Antilhas francófonas, também em territórios hispanófonos e anglófonos. A visão panorâmica da autora se detém em momentos decisivos, como aqueles em torno do papel central dos movimentos da Negritude e da Crioulidade, para finalmente chegar ao “percurso dos negros no Brasil”, em que ganham destaque, no século XX e início do XXI, as atuações dos movimentos negros. A conjugação da análise literária com uma perspectiva histórica que coloca em relevo certos movimentos e construções identitárias culmina na eleição do martinicano Patrick Chamoiseau e da brasileira Conceição Evaristo – os únicos que recebem subseções do texto com seus nomes – como dois autores paradigmáticos do que a autora caracteriza como a “reescrita

da memória da escravidão”, uma das principais pontes que colocam em Relação, para retomar ainda uma vez o termo de Édouard Glissant, as literaturas das Antilhas francófonas e do Brasil.

Na sequência, “Traduzir o cultural: a problemática da explicitação”, tradução feita por Adauto Vilela e Nívia de Souza Costa de um artigo de Marianne Lederer, torna disponível para o leitor lusófono mais uma das contribuições da Teoria Interpretativa da Tradução. Publicado originalmente em 1998, o artigo examina o procedimento tradutório da explicitação na tradução de fatos culturais. Para isso, Lederer recorre aos casos do romance indiano *A Suitable Boy*, de Vikram Seth, de um conto do escritor coreano Hwang Sun-Won e de uma narrativa chinesa do século XVIII, a fim de mostrar como o procedimento da explicitação pode constituir, se explorado com o devido equilíbrio, uma solução bem sucedida para a tradução de elementos culturais opacos ao leitor estrangeiro.

Dois artigos da seção de tema livre dialogam, de maneira interessante, com o dossiê temático. Em “O corpo feminino nas narrativas de Maryse Condé”, Maria Letícia Macêdo Bezerra analisa as obras *Desirada* (1997), *La migration des coeurs* (1995) e *Histoire de la femme cannibale* (2003), com o intuito de mostrar como suas personagens femininas, ainda que submetidas a traumas físicos e psicológicos, lançam mão de seus corpos como ferramenta de resistência capaz de subverter as relações de poder e fundar outros agenciamentos identitários, escapando assim da passividade paralisante. Já em “Reescrita do mundo e de si: uma análise de *Comment peut-on être français?* de Chahdortt Djavann”, Ana Carolina dos Santos Lebre analisa o referido romance de Djavann, autora franco-iraniana, mostrando como a obra se insere, não sem tensões e ressignificações, naquilo que viria a se chamar uma literatura-mundo de língua francesa (remetendo, portanto, ao célebre manifesto de autoria coletiva publicado no *Le Monde* de 15 de março de 2007, “Pour une littérature-monde en français”). Ao recorrer ao jogo entre ficcional e biográfico, escrita sobre si e escrita sobre o outro, Djavann põe em tensão noções como identidade, mundo, universal e subjetividade tão presentes nas discussões e produções literárias francófonas contemporâneas.

Não menos interessantes, os demais artigos da seção de temática livre voltam-se, por fim, para diversas abordagens e espaços culturais.

Em “O feminino no campo da arte, ou ‘o coração enfermo e miserável’”, Maria Conceição Monteiro, Paula Pope Ramos e Isadora Schwenck Corrêa de Brito comparam o

conto “The World to Come” (2018), de Jim Shepard, e o romance *The Power of the Dog* (1967), de Thomas Savage. Em ambos os casos, vemos como personagens femininas submetidas à violência não se conformam a uma posição de submissão: pelo contrário, desafiam a naturalização da violência e, fazendo-nos pensar nas personagens femininas de Maryse Condé, exploradas em artigo que mencionamos acima, constroem ferramentas de resistência e de afirmação do desejo.

Já em “Sete motivos para a exaltação do corpo: proposta de um catecismo poético em *O armistício*, de Natália Correia”, Rui Tavares de Faria analisa o texto “Sete motivos do corpo” (finitude, estima ou cuidado, volúpia, êxtase, provocação, maturidade, velhice ou envelhecimento), no qual a poeta portuguesa Natália Correia expõe, na forma de um “catecismo poético” que emula e de certa forma subverte os compêndios religiosos, um itinerário espiritual em que o corpo feminino se faz também espaço de prazer.

Encerrando as contribuições de temática livre, temos “James Thurber’s casuals: the most interesting uninteresting characters in American literatura”, em que Gustavo Cohen analisa as narrativas “The Departure of Emma Inch” e “Casuals of the Keys”, de James Thurber, na intenção de investigar as perspectivas filosóficas por trás do realismo dos estranhos personagens de Thurber; e temos também “Tradução em construção: marcadores culturais na tradução indireta”, artigo de Josiane Souza da Costa, Carolina Alves Magaldi e Larissa Silva Leitão Daroda, que apresentam uma análise da tradução dos marcadores culturais na tradução indireta (comparação entre a tradução direta do conto “Luck”, de Mark Twain, e a tradução indireta, do esperanto para o português, do mesmo conto), problemática que ainda carece de investigações no campo dos Estudos da Tradução, sendo, portanto, uma bem-vinda contribuição.

## Referências

ALENCASTRO, Luís Felipe de. **O trato dos viventes**: formação do Brasil no Atlântico Sul. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

AMADO, Jorge. **Dona Flor e seus dois maridos**. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1966.

AMARAL, Henrique Provinzano. **Ilhas em arquipélago**: uma poética da Relação tradutória em Édouard Glissant. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2024. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8165/tde-09102024-162804/pt-br.php>, acesso em 30/01/2025.

BARRETO, Bruno. **Dona Flor e Seus Dois Maridos**. Filme. 1976.

BOIZETTE, Pierre. Les conditions de la mondialisation d'une œuvre francophone africaine. Retours sur la trajectoire éditoriale de Scholastique Mukasonga. **ConTEXTES**, Varia, 2020. Disponível em: <http://journals.openedition.org/contextes/9402>, acesso em 30/01/2025.

BONNET, Véronique. Un dialogue transatlantique: les autres voies francophones du Brésil littéraire. In: MASSONI da ROCHA, Vanessa; NASCIMENTO dos SANTOS Margarete (Org.). **Caribe, Caribes: Tessituras literárias em relação**. Curitiba: Editora CRV, 2022, p. 303-324.

BUARQUE, Chico. **O que será (À flor da terra)**. Meus caros amigos. LP. Phonogram/Philips. 1976.

COMPASSO de espera. Direção de Antunes Filho. São Paulo: Antunes Filho Produções Artísticas Ltda, 1973. 98 min.

CONDÉ, Maryse. **Desiderada**. Paris: Éditions Stock, 1997.

\_\_\_\_\_. **Histoire de la femme cannibale**. Paris: Éditions du Seuil, 2003.

\_\_\_\_\_. **La migration des cœurs**. Paris: Éditions du Seuil, 1995.

DIAGNE Souleymane Bachir. **De langue à langue : l'hospitalité de la traduction**. Paris : Albin Michel, 2022.

GILROY, Paul. **O Atlântico negro**. Modernidade e dupla consciência. Trad. Cid Knipel Moreira. São Paulo: UCAM; Editora 34, 2012 [1993].

GLISSANT, Édouard. **Poétique de la Relation**. Paris: Gallimard, 1990.

GLISSANT, Édouard. **Le discours antillais**. Paris: Gallimard, 1997 [1981].

GLISSANT, Édouard. **Une nouvelle région du monde**. Paris: Gallimard, 2006.

GONZÁLEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

MACHADO, Ida Lucia. **Narrativas de vida: saga familiar & sujeitos transclasse**. Coimbra: Grácio Editor, 2020.

MONÉNEMBO, Tierno. **Pelourinho**. Paris: Éditions du Seuil, 1995. Trad. bras.: **Pelourinho**. Trad. Mirella do Carmo Botaro. São Paulo: Editora Nós, 2022.

MUKASONGA, Scholastique. **A mulher dos pés descalços**. São Paulo: Editora Nós, 2017.

\_\_\_\_\_. **Baratas**. São Paulo: Editora Nós, 2018.

\_\_\_\_\_. **Nossa Senhora do Nilo**. São Paulo: Editora Nós, 2017.

\_\_\_\_\_. **Um belo diploma**. São Paulo: Editora Nós, 2020.

\_\_\_\_\_. Au Brésil, “une femme noire ne compte pour rien”. **Libération**, edição de 6 de janeiro de 2019.

PIEIDADE, Vilma. **Dororidade**. São Paulo: Editora Nós, 2017.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível**. Trad. Mônica Costa Netto. São Paulo: EXO experimental org.; Editora 34, 2009 [2000].

SAHLINS, Marshall. **Raison utilitaire et raison culturelle**. Trad. Sylvie Fainzang. Paris: Gallimard, 1980 [1978].

SAVAGE, Thomas. **The Power of the Dog**. New York: Back Bay Books, 2021 [1967].

SENGHOR, Léopold Sédar. **Um caminho do Socialismo**. Trad. Vicente Barretto. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 1965.

\_\_\_\_\_. **Poemas**. Rio de Janeiro: Grifo Edições, 1969.

\_\_\_\_\_. **Lusitanidade e Negritude**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1975.

SHEPARD, Jim. **The World to Come**. New York: Vintage, 2018 [2017].

SOLEIL, Ô. Direção de Med Hondo. Paris: Les Films Soleil Ô, 1970. 104 min.

VERGER, Pierre. **Fluxo e refluxo**. Do tráfico de escravos entre o golfo do Benim e a Bahia de Todos-os-Santos, do século XVII ao XIX. Trad. Tasso Gadzanis. São Paulo: Companhia das Letras, 2021 [1968].

VETTORATO, Cyril. Le panafricanisme littéraire au Brésil: d'un cosmopolitisme à l'autre? In: BRIDET, Guillaume; BRINKER, Virginie; BURNAUTZKI, Sarah; GARNIER, Xavier (Org.). **Dynamiques actuelles des littératures africaines**. Karthala, 2018, pp. 63-74.